

## Apresentação do Dossiê

Débora Pinguello Morgado<sup>1</sup>  
Franciele Menegucci<sup>2</sup>

Este dossiê foi idealizado a partir da concepção de que o fazer, o tecer e o confeccionar produzem objetos vestíveis que estão na base da cultura e precedem os estudos que vão, a partir das roupas, analisar, decodificar e aproximar a moda e o vestuário com os meios pelos quais os sujeitos se colocam em relação entre si e diante do mundo. A roupa é o objeto primeiro e do qual partem tantos estudos, por vias interdisciplinares, que cuidam de investigar suas apropriações. Antes de a roupa ser destinada ao consumo, ao uso, à caracterização do corpo ou de um cenário - cenários reais e fictícios -, ela é fonte de um pensamento criativo e de um fazer, emerge da imaginação - ou da simples repetição - e se deixa tecer, confeccionar, ganhar corpo - corpo próprio e corpo alheio.

A complexidade tecnológica da confecção é análoga às complexas relações sociais que desenvolvemos enquanto humanidade. Aliás, e conforme convoca a tradução inédita em nossa língua, apresentada na seção *O Estado da Arte* deste dossiê, Fazer como saber: epistemologia e técnica na criação manual, de Ulrich Lehmann, a base dos discursos sociais procede - mas, dialeticamente, também precede - do mundo material e das técnicas criativas/produativas que configuram os materiais em coisas outras. Tosar uma ovelha, criar um fio, dispô-los em conjuntos de trama e urdume em relação perpendicular, drapear ou criar um molde, cortar e confeccionar. O nível de elaboração material desse processo descrito - e que vai, no decorrer do tempo, se complexificando, como no exemplo dos fios que ganham diferentes torções, os tecidos que assumem padronagens diversas, etc. - está em direta relação com o nível dos discursos que conceitualmente organizam a sociedade e, também, com a produção do conhecimento científico.

Pensando-se nos processos construtivos que dão vidas inteiramente novas a materiais já existentes, as técnicas do corpo empregadas no feito de objetos e roupas, para citar Marcel Mauss (2017) em *Sociologia e Antropologia*, refletem a sua natureza social, ou seja, são executadas, dadas e transmitidas a partir dos elementos da cultura, das relações de

1

Doutora em História pela UDESC, mestre em História e graduada em Moda pela UEM. Professora do Instituto de Artes e Design da UFJF, nos cursos de Bacharelado em Moda, na Especialização em Moda, Arte e Cultura e no Programa de Pós-Graduação em Artes, Cultura e Linguagens. Endereço eletrônico: [deborapmorgado@ufjf.br](mailto:deborapmorgado@ufjf.br)

2

Doutora e mestre em Design pela UNESP. Professora do Centro de Educação, Comunicação e Artes da UEL, no curso de Bacharelado em Design de Moda. Endereço eletrônico: [franmenegucci@uel.br](mailto:franmenegucci@uel.br)



poder e das forças que organizam a produção temporal e espacialmente. Ainda, é pertinente lembrar de Richard Senett (2025) em *O artífice* e de sua compreensão sobre a metamorfose para uma consciência material, a partir da qual há o deslocamento de função no uso das ferramentas ou a confluência de materiais/tecnologias distintas na elaboração de algo inovador. São novidades de uso e de objetos que tanto criam outras formas relacionais sociais quanto servem de metáfora (citando mais uma vez Ulrich Lehmann) para a compreensão e elaboração do conhecimento científico. Este é o poder de que dotamos o campo prático e que extraímos dele na elaboração dos conceitos que são caros aos estudos da moda e das aparências.

As perspectivas aqui apresentadas orientaram o desejo por um dossiê em que o fazer e todas as suas complexificações estivessem em primeiro plano. No entanto, também não deixamos de lado os estudos em que o fazer não assume protagonismo, mas que, apesar disso, impõe sua presença nas entrelinhas das análises traçadas pelo conjunto de autores que costuram esta edição. Iniciamos, assim, o dossiê com o artigo *Mapa do mercado da moda fluminense: histórias de mulheres trabalhadoras (1830–1840)*, da autora Laura Junqueira de Mello Reis, que realiza um mapeamento histórico do mercado da moda no Rio de Janeiro entre 1830 e 1840, evidenciando o papel das mulheres – brancas, negras, livres, libertas e escravizadas – como modistas e costureiras. Com base em anúncios de jornais da época e na metodologia prosopográfica, mostra o crescimento desse mercado e sua distribuição geográfica pela cidade. Destaca a hierarquização social dos ofícios, o papel das imigrantes francesas e a Rua do Ouvidor como centro de prestígio.

No artigo *O vestuário litúrgico como fonte documental e museológica do Museu Histórico de Londrina*, das autoras Daniele Caroline Antunes e Angelita Marques Visalli, as vestes migram do cotidiano ritual para o museu, oferecendo – por meio do seu corte, cor, bordado e exposição – um saber histórico documental. As pesquisadoras abordam o processo de musealização de um acervo de vestuário eclesiástico, ao percorrer as etapas de aquisição, conservação, catalogação, documentação, exposição e ressignificação das vestes religiosas, destacando como esses objetos passam a atuar como documentos históricos e elementos de memória coletiva. O artigo apresenta como as vestimentas se tornam mediadoras



culturais, ampliando a compreensão sobre o papel da indumentária na construção das identidades religiosas, sociais e simbólicas da cidade.

O têxtil é aspecto de destaque na materialidade que permeia o campo da moda. Neste sentido, o artigo *Carnaval, estamparia e representatividade: a ala Exus Contemporâneos no Carnaval da Grande Rio em 2022*, de Erica Huebra da Silva e Madson Luis Gomes de Oliveira, aborda a estamparia como um saber visual híbrido entre arte, moda e política no contexto carnavalesco. Os autores analisam duas estampas que representam Exu - compostas a partir de referências à cultura afro-brasileira, religiosidade, arte urbana, moda dos anos 1970, resistência negra e a produção de Jean-Michel Basquiat - e evidenciam como o uso intencional e consciente de uma técnica pode atuar no enfrentamento ao preconceito religioso e na valorização da diversidade cultural.

No campo da diversidade, a relação entre os aspectos práticos e simbólicos do vestuário é abordada no artigo *Por uma moda mais confortável e inclusiva: as dificuldades de mulheres trans e travestis com o vestuário*, de Onnara Custódio Gomes e Marizilda dos Santos Menezes, que investiga os desconfortos enfrentados por mulheres trans e travestis na relação com o vestir. A pesquisa evidencia como o desconforto físico, psicológico e ergonômico está diretamente ligado à ausência de produtos pensados para corpos que não seguem os padrões binários e cisnormativos. O estudo propõe uma reflexão sobre os limites da moda convencional e a urgência de processos criativos que contemplem a diversidade de identidades de gênero.

O “fazer social do design” é abordado pelos autores Fellipe Cardoso da Silva e Mônica Moura, no artigo *Estética contranormativa no design de moda contemporâneo: as criações de Vittor Sinistra*, que analisa o designer Vittor Sinistra sob a ótica da teoria queer, discutindo como a sua produção rompe com as normas cisheteronormativas por meio da estética. Apoiado em teóricos como Butler e Lauretis, e aplicando a metodologia documental, o artigo interpreta a moda como ferramenta de performatividade e subversão de gênero, e identifica no trabalho do designer uma expressão sensível e politizada da diversidade sexual e identitária.

No contemporâneo, a produção de sentido por meio da inteligência artificial é tema emergente, assim, o artigo *Os discursos artificiais na moda:*



*análise dos sentidos imbricados na campanha “Sunset Dream” da marca Mango*, com autoria de Ítalo José de Medeiros Dantas, Fernanda Ribeiro, Glauber Soares Júnior, Claudia Schemes e Marcelo Curth analisa como a inteligência artificial generativa (genAI) opera discursos na comunicação de moda, tomando como estudo de caso a campanha “Sunset Dream” da Mango. Os autores constataam três dimensões discursivas: (i) reforço de padrões estéticos e socioculturais vigentes; (ii) adaptação de elementos a novas preferências de consumo; e (iii) criação de narrativas internas à marca, ancoradas na inovação tecnológica. Os pesquisadores consideram que a genAI, simultaneamente, reforça normas existentes e possui potencial para reorganizar narrativas, moldando percepções de estilo e identidade no sistema da moda.

O material têxtil e o impacto ambiental também se integram ao dossiê, no artigo *A produção de algodão convencional e orgânico no Brasil e a demanda da fibra pela indústria da moda nos processos de produção do vestuário*, de Shaiane Carla Gaboardi e Jailson Oliveira Sousa. Os autores realizam uma comparação entre os modelos de produção de algodão no país, evidenciando os impactos socioambientais negativos do cultivo convencional e os desafios enfrentados pela produção orgânica. A análise inclui um estudo de caso do projeto (Ilu)miara, que articula pequenos produtores da Paraíba com empresas como a Dalila Têxtil e a Cataguases, demonstrando como o algodão orgânico pode representar uma alternativa sustentável e socialmente justa, embora ainda enfrente barreiras estruturais e de escala, que limitam o seu crescimento dentro da indústria da moda.

Ainda no campo das fibras têxteis e da sustentabilidade, e por meio de uma revisão sistemática da literatura pertinente ao tema, o artigo *Tingimento natural e a biodiversidade brasileira: desafios e oportunidades para um design sustentável*, dos autores Maibe Marocco Lima, Joannette Costa Formiga Cavaco, Breno Tenório, Ramalho de Abreu e Dianne Magalhães Viana, avalia o potencial de corantes naturais utilizados por comunidades tradicionais na redução do impacto ambiental causado pela indústria têxtil. A pesquisa aponta para a necessidade de políticas que viabilizem o emprego de corantes naturais em larga escala e indica caminhos para integrar biodiversidade e design sustentável no Brasil.



Partindo das fibras para as superfícies dos tecidos, as práticas artesanais se fazem presentes no dossiê pelo artigo *Wearable art e o sistema-moda enquanto produção de subjetividade*, de Elise Bueno, Júlia Lasry Benchimol Lanza e Joedy Luciana Barros Marins Bamonte, que explora o movimento *wearable art* como uma alternativa ao sistema-moda capitalista. Discutindo os limites da moda *fast fashion*, o artigo apresenta a *wearable art* como prática que resgata a dimensão subjetiva do vestir, unindo arte têxtil, artesanato e expressão individual. A pesquisa ainda aborda como os processos artesanais e a relação íntima entre artista-produtor e usuário restituem à roupa o poder de significar identidades duradouras, em contraponto ao caráter efêmero da moda convencional.

Encerrando a seção de artigos do dossiê, o trabalho *Arte e posicionamento estético-político em Thereza Simões e Cybèle Varela (1965–1970)*, da autora Tamara Silva Chagas, trata da produção artística de Thereza Simões e Cybèle Varela entre os anos 1965 e 1970, que é analisada como forma de resistência estética à ditadura militar brasileira. A pesquisa identifica críticas à repressão, à indústria cultural e à representação feminina nas obras de ambas. Destaca a subversão de códigos visuais, o enfrentamento à censura e o uso da arte como espaço de denúncia e produção de memória, especialmente por mulheres de fora dos grandes circuitos militantes. A autora salienta o posicionamento das artistas que, em meio à repressão, romperam com a subserviência feminina e usaram a arte como recurso de denúncia.

O dossiê também apresenta a resenha *Entre Deusas e Bofetões: a costura em viés da moda invisível*, pela autora Ana Carolina Acom que, no texto, ofereceu seu olhar sobre o livro *Moda: uma trama filosófica*, de Guido Conrado. Na contramão das práticas elaboradas sobre e com os materiais que produzem as roupas e os acessórios do corpo, e que são o ponto focal do dossiê, a pesquisadora destaca do livro justamente a dimensão imaterial que compõe a produção da moda contemporânea, especialmente com o caso da Daspu e de sua produção sem produto. A autora acompanha o argumento de Guido Conrado ao evidenciar que o acontecimento Daspu explicita um “regime de identificação” com base na linguagem, na ação estética e no poder simbólico da marca — uma grife que opera politicamente ao visibilizar corpos e pautas marginalizadas. Ao



Apresentação do Dossiê  
Débora Pinguello Morgado  
Franciele Menegucci

refletir sobre a estética do imaterial, a autora reforça o potencial subversivo da moda enquanto prática discursiva e ação pública, fazendo da Daspu um exemplo de resistência que costura política e estilo em um viés provocador e profundamente contemporâneo.

Por fim, não podemos deixar de destacar que as práticas de manipulação dos materiais têxteis, além de se costurarem textualmente ao longo do dossiê, estão na imagem que abre esta edição. A capa, criada, cortada e costurada pelas mãos de Ana Beatriz de Oliveira Maximiano, produz um *patchwork* de tecidos e conceitos que arrematam as propostas encaminhadas para este dossiê. Ao fundo, os olhos elaborados em cores frias tomam distância para observar e refletir acerca das práticas, representadas no primeiro plano pela mão que costura à máquina e que, em cores quentes, lança vida pulsante ao ato costureiro. Fundo e primeiro plano, pensamento e prática são, no entanto, postos no mesmo nível pelo *quilt* irregular que ziguezagueia e une, de forma indissociável - e como apresenta a tradução deste dossiê - a episteme e a *téchne*, ou, os conhecimentos e os ofícios.